

A ECOFORMAÇÃO E A ECOPEdagogIA: ALGUMAS CONEXÕES CONCEITUAIS

Leonardo Carbonera Giroto¹

Ednéia Regina Rossi Moraes²

RESUMO: O objetivo, neste trabalho de conclusão de curso, foi o de cotejar as perspectivas de educação para a sustentabilidade presentes nas chamadas ecopedagogia e ecoformação. A pergunta que guiou a pesquisa foi: Como a educação para a sustentabilidade é abordada pela ecoformação e pela ecopedagogia? Trata-se de uma investigação bibliográfica de cunho qualitativo. Para a discussão de tal problemática, utilizou-se o livro *Ecopedagogia e cidadania planetária*, de Prado e Gutiérrez, e artigos científicos sobre ecoformação, produzidos nos últimos cinco anos, e localizados nos bancos de dados do Google Acadêmico e Scielo. Na metodologia, foi utilizada a análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977). Como resultado, foi possível identificar pontos comuns entre a ecopedagogia e a ecoformação, pois ambas prezam pela mudança de mentalidade e de comportamento em nosso contexto, buscando uma visão holística da educação. O ser humano deve ser considerado como parte do planeta e não como superior dentro do cosmo. Os conceitos não tratam apenas de educação ambiental, mas da necessária sustentabilidade econômica, social e individual.

Palavras-chave: Ecopedagogia; Ecoformação; Mudanças no paradigma contemporâneo.

ABSTRACT: The objective of this course completion work was to compare the perspectives of education for sustainability present in the so-called ecopedagogy and ecotraining. The question that guided the research was: how is education for sustainability addressed by ecotraining and ecopedagogy? This is a qualitative bibliographic investigation. For the discussion of this issue, the book "Ecopedagogy and planetary citizenship", by Prado and Gutiérrez, and scientific articles on eco-training, produced in the last 5 years, and located in the Google Scholar and Scielo databases, were used. In the methodology, the content analysis of Laurence Bardin (1977) was used. As a result, it was possible to identify common points between ecopedagogy and ecotraining, as both value the change of mentality and behavior in our context, seeking a holistic view of education. The human being must be considered as part of the planet and not as superior within the cosmos. The concepts do not deal

¹ Acadêmico do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

² Professora associada do Programa de Pós-graduação em Educação e do Departamento de Fundamentos da Educação da UEM. Líder do Grupo de Pesquisas em História da Educação Brasileira, Instituições e Cultura Escolar no tempo presente (**HEDUCULTES**).

only with environmental education, but with the necessary economic, social and individual sustainability.

Keyword: Ecopedagogy; Eco-training; Changes in the contemporary paradigm.

1. INTRODUÇÃO

Estudos revelam, para a segunda metade do século XXI, um contexto adverso para o meio ambiente. Em setembro de 2020, a ONG WWF (World Wide Fund for Nature) afirmou que, entre 1970 e 2016, 68% da vida animal da terra, em indivíduos e não espécies, já foi eliminada devido à atividade humana (WWF, 2020). Diante disso, a sustentabilidade é uma condição essencial para se recuperar e manter o equilíbrio no planeta. Para isso, deve-se conservar um equilíbrio entre o que se produz e consome e como os organismos se comportam.

Estudos apontam para o fato de que as transformações causadas pela interferência humana, que cria tecnologias, máquinas e metodologias, se, por um lado, melhoram o cotidiano humano, por outro, pioram as condições do planeta Terra. Um exemplo é o setor industrial. Praticamente toda a indústria emite CO₂. Um gás que é emitido pela maioria dos seres vivos, porém, em maior quantidade pelas indústrias e veículos movidos à combustão. Quando na atmosfera, ele dificulta a saída dos raios solares do planeta, conseqüentemente, aquece-o mais. O CO₂ junto de outros gases (como metano, emitido, principalmente, por bovinos) favorece o aquecimento global.

O reconhecimento de que é preciso interferir nesse contexto de degradação do meio ambiente levou a vários acordos internacionais para o equilíbrio ambiental, com vista à construção da sustentabilidade do planeta. No entanto, o resultado, muitas vezes, não gerou exatamente o efeito esperado. Um exemplo foi o Protocolo de Montreal que proibiu a produção, comercialização e uso do CFC (clorofluorcarboneto), um gás que destrói a camada de ozônio³. Com a adesão ao tratado por parte dos países, o uso do CFC foi substituído por um outro gás, o hidrofluorcarboneto (HCFC). Tal gás é tão prejudicial à camada de ozônio quanto o CFC. O ramo industrial tem se feito assim e isso aumentou exponencialmente os problemas planetários de meio

³ O ozônio impede que raios UVA e UVB, prejudiciais aos seres vivos, penetrem na Terra.

ambiente. Hoje, nunca se teve tanta riqueza gerada e, em contrapartida, uma desigualdade socioeconômica tão intensa em escala global¹.

Observa-se que é urgente uma mudança de paradigma, de hábitos e da produção da riqueza social. O mundo está sob um sistema que depreda o planeta, com consequências para o meio ambiente e a vida social e humana. Frente a esse contexto, é importante ter em mente que, se a educação sozinha não muda o mundo, sem ela, tão pouco, o mundo se transforma, como dizia Paulo Freire. Por isso, para mudar os hábitos humanos, é preciso educar para uma outra mentalidade, e uma das formas de fazê-lo é por meio da educação escolar.

Assim, estudos e práticas educacionais voltadas para a formação de uma mentalidade e de práticas para a sustentabilidade planetária vêm se realizando. As discussões sobre a sustentabilidade estão presentes nos teóricos que fundamentam os princípios educacionais da Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC) amparada no conceito de ecoformação.

Por outro lado, o Instituto Paulo Freire, com apoio da Unesco e do Conselho da Terra, organizou o I Encontro Internacional da Carta da Terra na Perspectiva da Educação, em agosto de 1999. Durante o referido evento, realizado em São Paulo, foi criado o movimento pela Ecopedagogia que deseja conscientizar e promover a educação com vistas à preservação ambiental.

A discussão sobre a sustentabilidade se coloca tanto para a RIEC como no movimento pela Ecopedagogia, configurando-se em conceitos fundamentais para o campo educacional. Neste aspecto, a problemática colocada para a pesquisa é: Como a educação para a sustentabilidade é abordada pela ecoformação e pela ecopedagogia?

Para responder à problemática lançada, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica, lembrando que "a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos" (GIL, 2002, p.44) e a metodologia utilizada foi a análise de conteúdo de Bardin (1977). Como fontes, foram utilizados o livro **Ecopedagogia e cidadania planetária**, de Prado e Gutiérrez (2013), e artigos científicos sobre ecoformação, produzidos nos últimos cinco anos, e localizados nos bancos de dados do Google Acadêmico e Scielo.

Assim, esta pesquisa se alinha à tentativa de pensar as transformações necessárias na educação escolar contemporânea e pode contribuir com a proposição de novas práticas responsáveis e comprometidas. Além de contribuir com a formação do

¹ Este parágrafo foi baseado na palestra Neoliberalismo e a Educação para o meio ambiente: aspectos do agora, aspectos do agora e prospectos do futuro, ministrada pelo professor Roger Domenech Colacios no Webinar promovido pelo Programa de Educação Tutorial (PET-Pedagogia) da Universidade Estadual de Maringá (UEM) no dia 4 de agosto de 2022.

autor e de futuros educadores com conhecimentos voltados às necessidades do século XXI. A discussão foi estruturada a partir de três temáticas: ecoformação, ecopedagogia e algumas aproximações e diferenças entre seus conceitos. Ao final, apresenta-se a conclusão.

2. ECOFORMAÇÃO

O conceito de ecoformação se vincula aos princípios educacionais da Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC). Essa rede tem por objetivo promover a troca de experiências entre instituições educativas e de reconhecer pessoas ou instituições que inovem na prática de ensinar, sendo que inovar é romper com os modelos existentes, inaugurando novas formas de se fazer. Para qualificar uma instituição ou pessoa como criativa e inovadora, a rede criou um Instrumento para Valorar o Desenvolvimento Criativo de Instituições Educativas (VADECRIE).

A RIEC se baseia no pensamento complexo de Edgar Morin (1991 *apud* SILVA; SUANNO, 2016) que problematiza a fragmentação existente nos conteúdos escolares e nas Ciências e enfatiza que é necessário articular esses conhecimentos, considerando a unidade e a interdisciplinaridade, unindo conhecimentos desenvolvidos por outras disciplinas, produzindo a expansão do saber. Além disso, necessita-se de uma tomada de consciência para reavaliar atitudes e modos de existir no planeta.

De acordo com Girotto (2021, p. 8) “[...] para a RIEC, grande parte das escolas prioriza o conhecimento fragmentado, assim como um ensino também conteudista, com um currículo fechado, não vinculados à realidade do aluno nem às necessidades contemporâneas”. A superação dessa fragmentação ocorreria a partir do desenvolvimento de uma outra forma de pensar, alicerçada no paradigma da complexidade.

O pensamento complexo, conceituado por Edgar Morin, articula-se em torno de três princípios. O *dialógico*, que viabiliza a articulação de ideias que, à primeira vista, são antagônicas, mas se complementam, ao mesmo tempo, religando saberes diferentes e construindo a relação das partes com o todo, promovendo uma compreensão mais significativa. O *hologramático*, o qual entende que “[...] não apenas aparte está no todo, mas o todo está na parte” (MORIN, 2011, p. 74), contradizendo,

ao mesmo tempo, o modelo simplificador que vê apenas as partes, e o modelo holístico que possui uma visão ampla, mas nega a especificidade. *O recursivo*, que compreende que, num processo, “[...] os produtos e efeitos são ao mesmo tempo causados e produtores do que se opera” (MORIN, 2011, p. 74). Ou seja, os efeitos retrocedem sobre as causas, como, por exemplo, a sociedade, “[...] os indivíduos humanos produzem a sociedade nas interações e pelas interações, mas a sociedade, à medida que emerge, produz a humanidade desses indivíduos, fornecendo-lhes a linguagem e a cultura” (idem, p. 95).

Assim, o pensamento complexo busca a religação e integração dos conhecimentos, uma vez que, ao longo da história, estes foram se especificando e se fragmentando (MORIN, *apud* SILVA; SUANNO, 2016). Morin afirma que se deve tomar consciência e reavaliar atitudes e práticas estanques e cristalizadas. Segundo ele, “[...] as práticas pedagógicas deveriam estruturar-se para estimular a criatividade e a inovação, além de construir uma consciência ecológica, social e planetária e prezar pelo respeito à diversidade cultural” (MORIN *apud* GIROTTO, 2021, p. 6-7).

Uma escola organizada a partir de práticas estruturadas como as mencionadas acima abriria espaço para uma educação mais humanizada, inovadora, tecnológica, criativa e que promoveria a formação integral tanto dos alunos quanto da sociedade em geral. A complexidade desta educação não é sinônimo de complicação, mas pensar implica em acatar diversos pontos de vista, prós e contras, e suas imbricações (MORIN, *apud* KNOP, 2014). Assim,

[...] a humanidade contemporânea, ainda, não está preparada para lidar com os problemas atuais que têm afligido o planeta, muitos dos quais concebidos por sua própria ignorância, fundamentada num pensamento simplificador, [...] devido à uma formação linear, subdividida e reducionista, que impossibilita ao ser humano ver suas ações interrelacionadas com essas degradações da natureza (SOUZA; ERTZOGUE; ZWIEREWICZ, 2020, p. 120).

Promover a ecoformação seria desenvolver uma mentalidade de não apenas religar o homem com a natureza, mas de tornar evidente que todas as partes e ações no planeta estariam interrelacionadas. O ambiente mais adequado para desenvolver essa nova mentalidade seria a escola, mas a partir de outras bases e de outro pensamento educacional (SILVA; SUANNO, 2016). De acordo com a ata de criação

da RIEC, a Rede se “[...] assenta nos princípios de sustentabilidade, ecologia de saberes e integração institucional do conhecimento” (*apud* KNOP, 2014, p. 141, tradução minha)⁴.

O conceito de sustentabilidade, para a RIEC, vai além de se referir ao equilíbrio entre consumo e reposição de recursos que a sociedade mundial utiliza, deve abarcar também a habitação, a segurança alimentar, a pobreza, a saúde, a democracia, os direitos humanos e a paz e resultar num imperativo moral e ético no qual a diversidade cultural e o conhecimento tradicional sejam respeitados (UNESCO *apud* PELICIONI; PHILIPPI, 2005).

A ecologia de saberes é um conceito que promove o diálogo entre os vários saberes que podem ser considerados essenciais para o avanço na resolução dos problemas enfrentados pela sociedade. Trata-se de trazer à visibilidade possibilidades culturais, epistemológicas e experienciais, desqualificadas pela lógica hegemônica da ciência, e que realizam importante papel na construção de soluções sociais.

A partir destes conceitos, a educação ambiental envolveria uma visão ampla. A ecoformação se preocupa com o meio e com as pessoas. Trata-se de buscar um crescimento interior a partir da interação com o meio humano e natural, partindo do respeito à natureza (ecologia), levando os outros em consideração (alteridade) e transcendendo a realidade sensível, por meio de vínculos afetivos com o meio em que vive, o que permitiria melhor intervenção na melhoria deste (TORRE *apud* PUKALL, 2017).

A ecoformação busca uma formação que prioriza a relação homem-ambiente. Aborda tanto a educação ambiental quanto o desenvolvimento social e econômico, englobando-os numa perspectiva sustentável e solidária (GIROTTI, 2021). A ecoformação deve fazer do sujeito o protagonista da própria vida, ao mesmo tempo que o coloca como parte do ecossistema e responsável pela preservação de seu ambiente ao longo da vida e em todos os âmbitos humanos.

A ecoformação possui um modo particular de compreender a relação entre o sujeito, a sociedade e a natureza:

⁴ “se asienta sobre los principios de sustentabilidad, ecología de saberes e integración institucional del conocimiento [...].”

a) vínculos interativos com o entorno social e natural, pessoal e transpessoal; b) desenvolvimento humano a partir da vida e para a vida, em todos os seus âmbitos e manifestações de maneira sustentável; c) caráter sistêmico e relacional que nos permite entender a formação com redes relacionais e campos de aprendizagem; d) caráter flexível e integrador das aprendizagens, tanto pela sua origem multissensorial e interdisciplinar, como por seu poder polinizador; e) primazia de princípios e valores de meio ambiente que consideram a Terra como um ser vivo (TORRE, 2008 *apud* PUKALL, 2017, p. 31).

A ecoformação não diz respeito apenas à educação ambiental, ela propõe uma educação global. Valoriza o conceito de sustentabilidade no sentido de melhor desenvolver a solidariedade, o respeito e o cuidado com o planeta, visando melhores condições de vida para todos.

Assim, a ecoformação deseja superar comportamentos direcionados ao benefício individual ou de um grupo específico, sem cuidar da consequência para outras pessoas, grupos e seres vivos. Aplicada ao campo da educação escolar, ela buscaria

[...] aproximar a escola da vida real, abrindo-a às problemáticas reais do meio ambiente; propiciar uma visão sistêmica, holística (globalizadora) e transdisciplinar da realidade, mediante o trabalho em equipes e a implicação de todas as disciplinas; privilegiar o uso de uma metodologia ativa, aberta às novas correntes pedagógicas da pesquisa e da reflexão; implicar todos os agentes na resolução de problemas que derivam da realidade ambiental (MALLART, 2009 *apud* ZWIREWICZ, 2013, p. 105).

Observa-se a defesa de um ensino voltado para a vida dos estudantes e que possibilite o desenvolvimento de um conhecimento mais ativo e com maior protagonismo dos alunos. O objetivo é criar maior vínculo afetivo com o meio em que eles vivem, promovendo ações com vistas a modificá-lo.

3. ECO PEDAGOGIA

O Instituto Paulo Freire, com apoio da Unesco e do Conselho da Terra, organizou o I Encontro Internacional da Carta da Terra na Perspectiva da Educação, em agosto de 1999. Durante o referido evento, realizado em São Paulo, foi criado o

movimento pela Ecopedagogia que deseja conscientizar e promover a educação com vistas à preservação ambiental.

O conceito Ecopedagogia foi criado por Francisco Gutiérrez, estudioso costarriquenho de Paulo Freire, e está relacionado com os princípios da Carta da Terra, documento anunciado pela Unesco em 2000 e que foi assumido com o mesmo valor da “Declaração dos Direitos Humanos” pela ONU no ano 2002.

A ecopedagogia se trata de uma forma de educação em que se preza pela aprendizagem significativa, pelo sentido às execuções do dia a dia e pela convivência harmônica, equilibrada e sustentável com outras pessoas e com o ambiente. Ela se baseia em três conceitos: a ecologia profunda, a pedagogia e a planetaridade política. O primeiro diz respeito ao fato de que os elementos do mundo se interligam e são interdependentes. Na ecologia superficial, o homem é visto acima da natureza, desvinculado dela, já a ecologia profunda concebe os componentes do mundo como uma rede sem hierarquia de superioridade (PRADO; GUTIÉRREZ, 2013).

O segundo conceito, a pedagogia, trata da promoção da aprendizagem e necessita de um aprofundamento em seus conceitos. A pedagogia seria um trabalho para promover a aprendizagem com a utilização de recursos no ato de educar. A mediação é colocada como “[...] tratamento dos conteúdos e formas de expressão dos diferentes temas a fim de tornar possível o ato educativo, dentro do horizonte de uma educação concebida como participação, criatividade, expressividade e relacionalidade (PEREZ; CASTILLO, 1996, p. 50 *apud* PRADO; GUTIÉRREZ, 2013, p. 14).

A aprendizagem é concebida como uma propriedade emergente, presente em todos os seres vivos, de auto-organizar a vida. Assim, o conceito de aprendizagem diz respeito à “[...] capacidade de recriar novas realidades das múltiplas possíveis” e, como consequência, desenvolver a sustentabilidade pessoal e coletiva. O conceito de planetaridade, diferente de globalização, é pôr os humanos como parte construtiva da Terra e isso implicaria numa mudança de valores, relações e significações (PRADO; GUTIÉRREZ, 2013, p. 15).

Além de conceitos básicos, a ecopedagogia tem três princípios: a auto-organização que apresenta a ideia de que tudo se move e se influencia na natureza; a interdependência que evidencia que tudo se relaciona na natureza, colocando o ser humano como uma consequência de tais relações e que delas depende para viver; a

sustentabilidade que demonstra que os organismos cooperam em prol da estabilidade, um complementando o outro.

A ecopedagogia afirma que se deve mudar o paradigma antropocêntrico que coloca (alguns) seres humanos como o “centro do universo”, por um novo, que vê o mundo de forma dinâmica e integrada. Há pessoas e grupos (incluindo ecológicos) que geram crises, utilizam a natureza para fins desenvolvimentistas, colocando-a a serviço do homem. Essa visão e relação com a natureza está na contramão do novo paradigma proposto. Neste, a qualidade de vida deve ser buscada na construção de relações harmônicas com a natureza (incluindo outras pessoas) e, para diminuir o desequilíbrio natural, social e humano, necessita-se da ajuda tanto das maiores quanto das menores instituições (PRADO; GUTIÉRREZ, 2013).

Para que esse novo paradigma se popularize, necessita-se de um desenvolvimento de consciência de ecologia global. Para isso, é necessária a formação de pessoas para a sustentabilidade; de relações planetárias humanas como ambiente; da atualização de potencialidades para o equilíbrio harmônico entre gêneros; além de atuar para que a vida humana seja um processo de aprendizagem gozoso e para mudar os hábitos convencionais por novos.

Assim, este novo paradigma preza pela emancipação espiritual, pela comunhão com a natureza, pela solidariedade, pela integração de sentimentos dispersos e isolados, pela abertura das pessoas ao novo, dentre outros comportamentos e perspectivas.

Também deve-se tomar cuidado, uma vez que a educação ambiental e a ecologia podem ser ideologizadas, dogmáticas e impostas, ao invés de apropriadas e internalizadas. Da mesma forma pode ocorrer de a sustentabilidade uma vez que pode-se expor uma ideia que expresse responsabilidade ambiental para mascarar ações prejudiciais ao ambiente ou às pessoas.

A Organização das Nações Unidas (ONU) não se motiva a mudar a Declaração dos Direitos Humanos de 1948 e adequá-la ao novo paradigma, considerando que tal declaração não põe os interlocutores como protagonistas. Ela é expositiva e declaratória. Por outro lado, uma pedagogia que parta da demanda dos sujeitos em primeira instância busca atender às necessidades não satisfeitas. Como a declaração da ECO92, há uma grande distância entre a Declaração dos Direitos Humanos e as demandas para o desenvolvimento sustentável (PRADO; GUTIÉRREZ, 2013).

O que deve ser feito não são políticas vindas das instâncias superiores, que pensam o que é melhor para a população, mas de políticas que se baseiem nas demandas das próprias pessoas, dos indivíduos vinculados a um grupo. Assim,

realiza-se um processo educativo significativo para essas pessoas por meio de suas vivências. Este processo ocorreria por meio da interação e da auto-organização de um número de sujeitos que agem subjetivamente e atribuem significados ao trabalho em grupo. Nesse trabalho, os recursos constituem a criatividade, a imaginação, a afetividade, a empatia, dentre outros, e ele deve resultar num produto que os indivíduos percebam e, ao mesmo tempo, que os incentive a continuar o processo participativamente, isto é, sem imposição de uma pessoa ou grupo reservado.

A demanda dos setores populares, que mais demonstram a busca do desenvolvimento sustentável como processo educativo, tem quatro dimensões: a sócio-política, que diz respeito à participação popular pela democracia participativa. A técnico-científica que se baseia na ciência e na técnica para elaborar soluções viáveis, ou seja, saber fazer e conhecer os instrumentos adequados para a execução. A pedagógica que ocorre na cotidianidade por meio da identificação do problema, do levantamento da realidade, dos estudos de causas e consequências e da proposição de soluções. A espaço-temporal que se refere ao respeito com o tempo necessário para cada pessoa se educar e abrir-se a processos reflexivos, pois pode ser um ato demorado (PRADO; GUTIÉRREZ, 2013).

Nessa perspectiva, o aprendizado deve ser promovido na vida cotidiana, pois é nela que se produz a própria vida. A chave pedagógica, a mediação para tal aprendizado seria explorar novos caminhos, irrepetíveis, inéditos, percebendo as sensações nesses caminhos, realizar a autoavaliação do processo ao longo de sua execução, realizar o confronto de ideias e “ex-pressão” (PRADO; GUTIÉRREZ, 2013, p. 76), que seria sinônimo de educação.

Prado e Gutiérrez (2013) afirmam que as escolas atuais prezam por resultados específicos e absolutos, além de a comunicação entre as pessoas estar em segundo plano. Ao contrário, a pedagogia deveria ser um trabalho para promover a aprendizagem no cotidiano, utilizando todos os recursos no ato da vivência. Este ato se torna possível em espaços em que as pessoas se relacionem, aceitem-se harmonicamente e se confiem, que sejam encontrados significado e congruência que preencham o vazio existencial.

A cultura da sustentabilidade anda junto da valorização da vida, pois deve-se selecionar o que é sustentável e descartar o que não é. Além disso, deve-se pôr a vida individual em ritmo para contagiar-se com a vida alheia, formando uma “ligação” saudável (PRADO; GUTIÉRREZ, 2013).

Prado e Gutiérrez evidenciam a diferença entre ética e moral. A ética seria a forma de agir da pessoa que tem um real interesse de considerar as outras pessoas. Já a moral é uma forma de agir que tem por fim atender às normas sociais estabelecidas. Watts (s.d, p. 132 *apud* PRADO, GUTIÉRREZ, 2013, p. 109) afirma que nada é mais inumano que os relacionamentos humanos fundamentados na moral.

Existe um equilíbrio dinâmico, uma “sabedoria da natureza” que necessita de respeito (PRADO; GUTIÉRREZ, 2013, p. 114). Os autores consideram que o desenvolvimento econômico e tecnológico desgovernado desequilibrarão a natureza e culminarão em graves danos a esse equilíbrio. A chave para se preservar o equilíbrio dinâmico da natureza são os valores. Nunca houve tanto crescimento econômico no globo e, mesmo assim, permanece uma grande desigualdade social. Prado e Gutiérrez afirmam que é necessário um novo estilo de vida e buscar uma sociedade sustentável para todos, resultante de uma mudança de valores. Educa-se desconsiderando que o ser humano faz parte do cosmos, há uma cultura, uma mentalidade arraigada de que o planeta seria sua propriedade.

A convergência harmônica observa as relações entre os organismos, formando sistemas, e destes se relacionando entre si. A base para a convergência está no contato dos organismos, de pessoa para pessoa, em que elas se aceitam como são. Os autores enfatizam que “[...] a carícia, o tato, a proximidade afetiva são pontos de encontro onde se dão relações mais autenticamente humanas” (PRADO; GUTIÉRREZ, 2013, p. 121).

Para os autores, o raciocínio humano está sendo utilizado de forma irracional, ou seja, ignora-se o que é próprio da humanidade: os seres, a afetividade, a subjetividade. O uso irracional da racionalidade aliado à lógica da acumulação do capitalismo promove a desumanização e um exagero da exploração do planeta.

Para alterar tal realidade, os autores defendem que se deva dar importância e espaço para as emoções no cotidiano. Assim, comportamentos e pensamentos guiados pela racionalidade dariam lugar àqueles guiados pela emotividade. Enfim, é “[...] estar mais sintonizado com os nossos sentimentos” (GOLEMAN, 1995 *apud* PRADO, GUTIÉRREZ, 2013, p. 127).

Os autores defendem uma visão holística do cosmos. Segundo eles, o conhecimento está muito fragmentado e deve-se unir suas partes, evidenciando a dinâmica das partes e a relação com o todo. Para Prado e Gutiérrez, isso ocorreria na

cotidianidade, quando se desvincular o pensamento da ciência mecanicista por meio da liberdade da imaginação criadora.

Ao finalizar o livro, Prado e Gutiérrez (2013, p.134) enfatizam a necessidade de uma consciência planetária. Trata-se de saber, em nível individual e coletivo, que os humanos não estão separados da natureza, ou seja, que o planeta é um sistema integrado e o ser humano não está separado disso. Para que essa visão se realize, é necessário ver o mundo como casa. Pensar que se vive “em e com a Terra” e, por conseguinte, significando a vida de outra maneira. Segundo os autores, a dimensão espiritual favorecerá transformações na sociedade, na cultura, na política e na economia. Sem a espiritualidade, não há como superar o sistema destrutivo em que estamos mergulhados.

4. ALGUMAS APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS ENTRE OS CONCEITOS DE ECOFORMAÇÃO E ECOPELAGOGIA

Figura 1: Slides

Comparação		Comparação	
Ecoformação	Ecopedagogia	Ecoformação	Ecopedagogia
Relação homem-natureza	Idealização das relações dos organismos	Criatividade é ressignificar a realidade para resolver um problema	Aprendizagem é recriar novas realidades
Paradigma de mundo menos estático e imutável	Paradigma de mundo dinâmico e integrado	Princípio hologramático	Ecologia profunda
		Homem é parte do planeta	Homem não é senhor da natureza

Fonte das imagens: arquivo em slides da defesa deste artigo.

O princípio da sustentabilidade na ecopedagogia idealiza como deve ser a relação dos organismos para o equilíbrio do cosmos. A ecoformação também preza pela relação homem-natureza e como se comportar para uma dinâmica saudável.

Tanto a ecoformação quanto a ecopedagogia afirmam que se deve mudar o paradigma atual. Para a ecoformação, deve-se compreender o mundo de forma menos estática e imutável, colocando o indivíduo como central em sua própria vida, mas não de forma egoísta, ou seja, colocando-o como parte do planeta. Para a ecopedagogia, o homem não pode ser colocado como senhor do mundo e a natureza com o objetivo de servi-lo, dando ênfase numa visão mais espiritual sobre a realidade.

Também para ecopedagogia, o paradigma atual deve ser substituído por um outro, que se apresenta como dinâmico e integrado, que retire o homem da posição de “semideus” e coloque-o como parte integrante do cosmos, sem deixar de lado a emancipação espiritual. É certo que ele é dependente da natureza para viver, mas colocar-se acima dela é um extremismo e estaria incorreto.

O conceito de interdependência da ecopedagogia problematiza o fato de o ser humano ser colocado como uma variável independente do cosmo. A ecoformação, por sua vez, propõe religar o homem com a natureza, tornando evidente que todas as partes e ações no planeta estariam interrelacionadas. Um dos princípios do pensamento complexo demonstra que as partes revelam o todo e o todo está nas partes, além de as partes interagirem consigo mesmas. Se as partes refletem e interagem umas com as outras, o ser humano faz parte do ambiente e este evidencia as consequências da ação do homem, que também são identificadas em partes do cosmos ou da natureza. Da mesma maneira, a chamada ecologia profunda, abordada pela ecopedagogia, entende os fenômenos do mundo como interligados e interdependentes.

O conceito de pedagogia na ecopedagogia é promover aprendizagem com todos os recursos no ato de educar. A aprendizagem é a “[...] capacidade de recriar novas realidades das múltiplas possíveis” (PRADO; GUTIÉRREZ, 2013, p. 15). Este conceito de aprendizagem se relaciona com o conceito de criatividade da Rede Internacional de Escolas Criativas, uma vez que se trata de ressignificar a realidade para resolver um problema (SUANNO *et al.*, 2014, p. 18 *apud* AIRES; SUANNO, 2018). Ressignificar é, por assim dizer, recriar numa outra perspectiva, porém, no caso do conceito da RIEC, para resolver um problema e avançar.

Existem aspectos que marcam a ecoformação que estão em consonância com os da ecopedagogia. Em muitos pontos elas se alinham, como mencionado acima. O que é possível sinalizar, a partir dos materiais analisados, é que o pensamento educacional da ecoformação tem sua base fortemente marcada no pensamento complexo de Edgar Morin e o da ecopedagogia traz aspectos da pedagogia freireana, embora também não se distancie do paradigma da complexidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso teve o objetivo de compreender os conceitos de ecopedagogia e de ecoformação, no que concerne à educação para a sustentabilidade, buscando sinalizar suas possíveis aproximações e diferenças. A

pergunta que guiou a pesquisa foi: Como a educação para a sustentabilidade é abordada pela ecoformação e pela ecopedagogia?

O termo ecoformação foi criado pela Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC) que agrega várias instituições de educação que buscam trocar experiências entre si e estão presentes em países ibéricos e da América Latina. Um dos princípios educacionais da rede é o pensamento complexo e, com ele, a ecoformação. A ecoformação deseja recolocar a relação do homem com a natureza numa perspectiva mais saudável com o ambiente.

A rede se sustenta numa visão holística, recursiva e dialógica. Há uma intenção de se promover uma mudança de paradigma, em que a educação passe a prezar pela formação de uma consciência ecológica. O Instituto Paulo Freire, apoiado pela Unesco e pelo Conselho da Terra, formou o I Encontro Internacional da Carta da Terra na Perspectiva da Educação, no ano de 1999. No evento, realizado na capital paulista, foi criado o movimento pela Ecopedagogia que visa conscientizar e promover a educação pensando na preservação ambiental.

A ecopedagogia foi um princípio educacional defendido durante o I Encontro Internacional da Carta da Terra, organizado pelo Instituto Paulo Freire. Assim como a ecoformação, a ecopedagogia defende que se deve mudar o paradigma atual que coloca alguns homens em situação de superioridade em relação aos demais seres do planeta. Seria preciso entender que o ser humano é um integrante desse universo e responsável pelas consequências de seus atos. Ela também critica políticas verticais e afirma ser viável a construção de uma coletividade que tenha como base as necessidades e demandas dos sujeitos como norteadoras das políticas.

A partir das leituras realizadas, foi possível identificar pontos comuns entre a ecopedagogia e a ecoformação pois ambas prezam pela mudança de paradigma e de comportamento em nosso contexto, em que o ser humano deve ser considerado como parte do planeta e não superior à vida que habita na terra. Ambas concordam que o conhecimento está fragmentado e que se deve conectá-lo por meio de uma visão holística. Da mesma maneira, ambos os conceitos não tratam apenas de educação ambiental, mas do necessário equilíbrio econômico e da promoção de bem-estar social para todos os sujeitos, promovendo o equilíbrio social e individual.

1. REFERÊNCIAS

AIRES, B. F. C.; SUANNO, J. H. A criatividade no âmbito da ecoformação: uma

perspectiva a partir da complexidade e da transdisciplinaridade. **Revista Signos**, [S. l.], v. 39, n. 1, p. 237–248, 2018. DOI: 10.22410/issn.1983-0378.v39i1a2018.1624. Disponível em: <http://www.univates.br/revistas>. Acesso em: 12 nov. 2021.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

PHILIPPI JR., Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi [Editores]. **Educação ambiental e sustentabilidade**. Barueri: Manole, 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GIROTTI, L. C. **Princípios educacionais da Rede Internacional de Escolas Criativas (RIEC)**: reflexões sobre a ecoformação. Maringá, PR, 2021.

KNOP, R. O. C. P. **Práticas pedagógicas com enfoque criativo**: possibilidades e limites. 2014. Universidade do Vale do Itajaí, [S. l.], 2014. Disponível em: [http://siaibib01.univali.br/pdf/Raquel de Oliveira Costa Pereira Knop.pdf](http://siaibib01.univali.br/pdf/Raquel%20de%20Oliveira%20Costa%20Pereira%20Knop.pdf). Acesso em: 20 nov. 2022.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

PRADO, C.; GUTIÉRREZ, F. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

PUKALL, J. P. **Projetos criativos ecoformadores na educação básica**: uma experiência em formação de professores na perspectiva da criatividade / Jeane Pitz Pukall, Vera Lúcia de Souza e Silva, Arleide Rosa da Silva. Blumenau: Nova Letra, 2017.

SILVA, N. G.; SUANNO, M. V. R. Mapeamento das pesquisas e publicações brasileiras vinculadas a rede internacional de escolas criativas. **Revista Polyphonia**, [S. l.], v. 27, n. 1, p. 485–520, 2016. DOI: 10.5216/rp.v27i1.42326.

SOUZA, K. P. Q.; ERTZOGUE, M. H.; ZWIEREWICZ, M. Ecoformação: entre dilemas e desafios , um olhar transformador para o século XXI. **Humanidades e Inovação**, [S. l.], v. 7, n. 4, p. 119–128, 2020.

SUSTENTAR. MICHAELIS. s.d. Michaelis Online.

WWF. 2020. Living Planet Report 2020. World Wide Fund For Nature.

ZWIEREWICZ, M. Formação docente em projetos criativos ecoformadores. **Revista Electrónica de Investigación y Docencia**, [S. l.], n. 6, p. 99–112, 2013. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5124787-Formacao-docente-em-projetos-criativos-ecoformadores-marlene-zwierewicz-1.html>. Acesso em: 13 nov. 2021.